

Pop Punk: Quando o punk rock assumiu o mainstream¹

Gabrielle Camille FERREIRA²

Mário MESSAGI JÚNIOR³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Esse artigo busca analisar a trajetória do gênero musical pop punk, que nasceu como uma fusão da rebeldia do punk rock com a superficialidade do pop. Serão descritas suas aproximações e distanciamentos do mainstream ao longo das décadas, desde seu surgimento desprezioso no cenário underground da costa oeste americana até o boom comercial a partir dos anos 90, quando seu potencial radio-friendly e o apelo jovem passaram a ser intensamente explorados pela indústria cultural. Pretende-se mostrar quais foram as estratégias estéticas e comerciais utilizadas, com base no conceito de ruptura instável, de Fabrício da Silveira (2013), e acatando o diagnóstico adorniano sobre o estatuto da cultura na modernidade, mas rejeitando a redução da cultura à mera mercadoria.

PALAVRAS-CHAVE: Música; indústria cultural; punk rock; pop punk; mainstream.

1 Introdução: Punk rock, hardcore melódico e skate punk

A história do pop punk é complexa e tem suas raízes na década de 70, momento em que o punk rock emergia como movimento de contestação social e começava a ser absorvido pela indústria cultural. Nesse cenário, bandas como Ramones, The Jam, Toy Dolls e Generation X anteciparam o que mais tarde caracterizaria o pop punk: apesar de seguirem as características estruturais da música punk tradicional, como poucos acordes, solos simples e curta duração, o ritmo um tanto quanto melódico e a irreverência as diferenciava das demais bandas do gênero.

A partir do fim dos anos 70, a indústria cultural já havia convertido o punk em elemento pop, reduzido à moicanos coloridos, jaquetas de couro e piercings. Como

¹ Trabalho apresentado no INTERCOM SUL realizado de 26 a 28 de maio

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: gabriellecaf@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: mmessagi@gmail.com

consequência dessa transformação em produto de consumo, o movimento sofreu enfraquecimento e, para continuar sobrevivendo, passou pelo que Silveira (2013) denomina processo diluidor: o estilo fragmentou-se em subgêneros e cenas localizadas, com particularidades e públicos mais específicos. Na Califórnia - que, mais, tarde, também seria o berço das primeiras bandas de pop punk - o punk rock das melodias trabalhadas influenciou o nascimento do hardcore melódico e do skate punk. Destacavam-se na cena bandas com letras bem-humoradas e forte ligação com o skate, como NOFX, Suicidal Tendencies, Bad Religion, Operation Ivy e Pennywise, as quais cantavam tanto sobre questões políticas quanto sobre conflitos da adolescência. A principal responsável por introduzir esse elemento sensível ao punk foi a banda Descendents, do subúrbio de Los Angeles. O icônico álbum “Milo Goes to College”, de 1982, apesar de não ter alcançado sucesso comercial significativo na época, é considerado o marco inicial do pop punk: as letras tratavam de assuntos até então considerados superficiais para o punk, como fatos do cotidiano de um jovem de classe média, sentimentos, família, rejeição e garotas, além de terem refrões grudentos sutilmente inspirados na estrutura da música pop.

2 Início dos anos 90: Surgimento

No fim dos anos 80, o punk pós-midiático, apesar de fragmentado, tentava resistir no underground, mantendo a crueza e o descontentamento característicos do seu surgimento nos anos 70. Na Califórnia, o clube 924 Gilman Street, na cidade de Berkeley, mantinha as tradições do punk rock tradicional e foi o lar de diversas bandas do gênero. Uma delas foi a “Sweet Children”, fundada pelos amigos Billie Joe Armstrong e Mike Dirnt, de então quinze anos. Inicialmente, o som melódico dos garotos inspirados por Descendents não foi bem aceito pelo público local por ser pouco agressivo para o ambiente, além do fato de que cantavam sobre amor - tema considerado excessivamente pop. Apesar disso, logo cresceram dentro da cena, assinaram com a gravadora indie Lookout!, mudaram o nome para “Green Day” e viajaram pelos Estados Unidos em uma turnê DIY.

Não demorou para que a presença de palco dos integrantes e o tom leve das músicas, a princípio motivo de rejeição, se tornassem diferenciais: a mistura única de atitude punk e melodia pop fez com que Green Day fosse reconhecido na cena - o 2º álbum

da banda, Kerplunk, lançado em 1992, alcançou o número de 50 mil cópias vendidas de forma totalmente independente. Essa popularidade atraiu a atenção de grandes gravadoras: com o sucesso do grunge do Nirvana, a resistência inicial dos ouvintes havia se rompido pelo processo de padronização sobre a música popular descrito por Adorno (1941) e tornado o momento propício para o mercado difundir bandas com um som mais alternativo e “pesado” para o público médio.

No entanto, segundo a visão dicotômica underground x mainstream e rock x pop, assinar um novo contrato significaria para Green Day vender-se para o sistema romper com todos os princípios do punk rock. Mas, apesar do dilema, a banda decidiu enfrentar o total repúdio da cena punk e, em 1993, Green Day assinou com a Reprise Records. No ano seguinte, lançaram Dookie, álbum responsável por levar o punk de volta à exposição pública em massa e marcar o nascimento oficial do estilo posteriormente batizado de “pop punk” - o punk conformista, acrítico e assumidamente mainstream.

Também em 1994, a banda The Offspring, da gravadora Epitaph Records - dirigida por Brett Gurewitz, guitarrista do Bad Religion -, lançou o álbum Smash, que incorporava elementos do punk rock tradicional, do hardcore melódico e sutis influências do grunge e do bubblegum pop. Foi o álbum de uma gravadora independente mais vendido de todos os tempos - 11 milhões de cópias - e definiu a passagem da banda para o cenário mainstream.

A partir dessa receptividade positiva do público, o “punk rock” - já deturpado de sua definição original, mas ainda chamado dessa maneira pela indústria e pelos meios de comunicação - tornou-se um nicho lucrativo para investimentos. Segundo Ortiz,

Este tipo de música, contrariamente a clássica, se desenvolve num mercado competitivo. Enquanto mercadoria a ser vendida ela deve se constituir em sucesso, o que faz com que as agências procurem repetir os padrões já aceitos pelo mercado (ORTIZ, 1986).

Como consequência desse estrondoso sucesso inicial, grandes gravadoras deram largada à corrida para assinar com bandas “punk” que seguissem a linha melódica, buscando fabricar novos hit parades como “Self Esteem”, de The Offspring, e “Basket Case”, de Green Day.

3 Fim dos anos 90: o som "radio friendly" de Blink 182

Se até os verdadeiros punks amavam as bandas melódicas - antes dos contratos com grandes gravadoras, claro - com as massas não foi diferente. O mundo queria ouvir a hibridização que tornava o punk rock agradável aos ouvintes médios.

Após o sucesso de Green Day e The Offspring, novas bandas de pop punk tiveram espaço nas rádios americanas. O principal nome da época era Blink 182, banda californiana que apresentava o estilo em sua forma mais nítida: músicas "radio friendly" - acessíveis às massas - com melodias pop simples compostas por guitarras rápidas, baixos ocasionais e solos de bateria que lembravam apenas remotamente o punk dos anos 70. As letras, ainda mais leves do que as da banda antecessora Green Day, já não tinham mais nenhum engajamento social: os conteúdos eram, na maioria das vezes, banais, imaturos e até mesmo obscenos.

O terceiro álbum da banda Blink 182, "Enema of the State", lançado em 1999, foi o ápice do boom comercial do pop punk e vendeu 15 milhões de cópias. Considerado o principal álbum da história do gênero depois de Dookie, do Green Day, Enema of the State exibe logo na capa a atriz pornô Janine Lindemulder trajando uma fantasia de enfermeira, o que antecipa a falta de pudor contida no disco. O CD sintetiza o estereótipo do adolescente hiperativo e palhaço: são 11 faixas ritmicamente furiosas e de humor escatológico, como "Dumpweed", sobre frustrações sexuais, e "Aliens Exist", nonsense com inspirações ufológicas. "What's My Age Again?", desabafo sobre a imaturidade, "All the Small Things", típica canção de amor chiclete, e "Adam's Song", sobre suicídio - única canção obscura do álbum, na qual o som do piano substitui a guitarra rápida -, logo se tornaram hits da MTV, que influenciava os gostos musicais de grande parte do público jovem norte-americano e dos demais países em que estava presente e foi determinante para alavancar a carreira da banda.

Uma das possíveis justificativas para o triunfo de Blink 182 é a ilusão de individualidade envolvida em torno das músicas, videocliques e apresentações da banda: o clássico e irreverente clipe de "What's My Age Again", por exemplo, mostra os integrantes correndo por Los Angeles completamente nus, enquanto o clipe de "All the Small Things" ironiza as boybands e artistas pop da época de maneira escrachada. Nos shows, Blink 182

frequentemente improvisava músicas com letras de cunho sexual e demonstravam uma espontaneidade extrema com o público, aproximando-se dele. Eles conseguiam parecer autênticos e alternativos mesmo sendo parte do mainstream.

A identidade cômica e pitoresca assumida por Blink 182 e o som que deixava as influências punk rock em segundo plano foram alvos de críticas de punks fundamentalistas, que acusavam a banda de se apropriar do termo “punk” para comercializar pop fabricado. Mas, à essa altura, já era simples diferenciar os dois grupos até mesmo visualmente: enquanto os punks tradicionais mantinham as raízes nos anos 70 vestindo roupas pesadas e frequentando clubes underground, os pop punks usavam tênis Vans com meias nas canelas e poderiam ser facilmente encontrados em pistas de skate ou em eventos como a Warped Tour, festival de música e esportes radicais realizado em diversas cidades dos Estados Unidos e do Canadá.

4 Anos 2000: Mainstream

A partir dos anos 2000, o pop punk viveu sua fase mais gloriosa. Além de Blink 182, com seu novo álbum “Take Off Your Pants And Jacket”, Sum 41, Yellowcard, New Found Glory, Jimmy Eat World e Good Charlotte eram as bandas de maior sucesso entre os jovens de todo o mundo. Músicas como “Fatlip”, do álbum “All Killer No Filler”, lançado em 2001 pela banda Yellowcard, e “My Friends Over You”, lançada no ano seguinte por New Found Glory, tornaram-se hinos da geração por seguirem a fórmula de sucesso de Blink 182: melodias simples com tempos rápidos inspirados no punk californiano, refrões pegajosos e irreverência, além da aproximação do público. Trata-se da aplicação do processo de estandardização descrito por Adorno:

Tudo consiste em repetir inúmeras vezes um determinado tipo de música para que se rompa uma possível resistência do receptor. Existe toda uma política das gravadoras e distribuidoras que faz com que os radialistas atuem de acordo com seus interesses, repetindo no rádio o que havia sido fabricado para se transformar em sucesso. (ORTIZ, 1986).

Nesse contexto favorável, emergiu a voz feminina da cantora canadense Avril Lavigne, que recebeu o título de “princesa do pop punk” em 2002 após o lançamento do

energético “Let Go”, álbum declaradamente influenciado por bandas como Green Day e Blink 182 composto por 13 canções cujos temas giravam em torno de amizades e romances. As abordagens eram divertidas em algumas faixas, como em Sk8er Boi, narrativa sobre um rapaz rejeitado que deu a volta por cima, e melancólicas, como em Complicated, sobre dificuldades nos relacionamentos. A cantora de então apenas 17 anos conseguiu que seu álbum de estreia fosse o segundo mais vendido no mundo inteiro naquele ano - e o 21º da década segundo a Billboard - e causou grande impacto na música: para aqueles que ainda não apreciavam o pop punk, Avril Lavigne representou a aproximação máxima do pop, mas mantendo a imagem singular de skate punk desprezenciosa que a diferenciava das demais cantoras em alta na época, como Britney Spears, que investia em produções exuberantes e apelativas. O estilo de Lavigne passou a ser cartão de visitas do pop punk e foi capaz de abranger um público muito maior do que as demais bandas, fazendo com que a cantora alcançasse o posto de ídola teen: ela era estampada na capa de revistas, camisetas, cadernos e nos mais diversos produtos, além de arrastar multidões por onde passava.

Confrontando essa intensa massificação do pop punk, a banda veterana Green Day, que havia sofrido grande queda na popularidade, lançou em 2004 o ambicioso “American Idiot”, álbum extremamente politizado que resgatou a característica da resistência e tecia uma série de críticas sociais. A proposta de se distanciar do pop punk supersaturado e investir numa renovação estilística para voltar à posição destaque era arriscada - mas provou-se bem-sucedida e, acima disso, necessária, visto que a invasão periódica de inovações é essencial para garantir a sobrevivência no mainstream. A canção homônima ao título, que prega o anti-conformismo com o refrão “Don't want to be an American idiot / One nation controlled by the media / Information age of hysteria / It's calling out to idiot America”, tornou-se um clássico, assim como “Jesus of Suburbia”, faixa de 9:08 minutos que introduz um personagem denominado Jesus e narra seus sentimentos de insatisfação em relação à sociedade em cinco partes distintas. Já a música “Boulevard of Broken Dreams”, sentimental e cheia de angústia, marcou a transição para o “emo pop punk”, espécie de subgênero do pop punk que ajudou o estilo a refrescar-se e manter-se popular durante os anos seguintes.

O emo pop punk - normalmente simplificado para apenas “emo pop” - é descrito um

pop punk “depressivo”, que empresta características obscuras do emocore dos anos 90. É difícil delimitar barreiras para separá-lo do pop punk: normalmente estão apenas nas letras, menos irreverentes e mais emotivas. O emo pop ganhava espaço desde 2001 com os álbuns “Stay What Are”, da banda Saves The Day, e “Bleed American”, de Jimmy Eat World, que, apesar de terem sido pouco expressivos comercialmente, influenciaram fortemente essa posterior mudança no rumo da cena. Bandas como The Used, Taking Back Sunday, My Chemical Romance e Fall Out Boy foram as primeiras a se destacarem e foram sucedidas por outras como Panic! At The Disco e Paramore - todas com forte apelo comercial e tão queridinhas da MTV quanto Blink 182 em seu auge -, além de muitas outras que alcançaram a popularidade graças ao MySpace, rede social que marcou o início da propagação da música entre os jovens pela internet.

5 Conclusão

A partir de 2008, a cena pop punk entrou em declínio. Novas bandas como All Time Low, The Maine e Mayday Parade faziam sucesso, mas entre um público muito mais segmentado. As músicas não tocavam mais no rádio e os clipes eram exibidos na MTV apenas esporadicamente. Depois de 15 anos no cenário mainstream, a geração que viveu o ápice do pop punk cresceu e o gênero já não era mais tão interessante para a indústria cultural.

Atualmente, a principal manifestação do pop punk é a Warped Tour, festival que ocorre desde os tempos áureos na década de 90 e ainda atrai milhares de pessoas todos os anos. No entanto, devido à decadência do estilo, o evento precisou se reinventar: além das bandas de pop punk - as jovens e as experientes - outros estilos como post-hardcore, indie rock e até mesmo folk music foram incluídos na lineup.

Bandas que viveram seu auge no início dos anos 2000 tomaram caminhos distintos: das que ainda existem, algumas se renderam totalmente ao pop para continuarem em evidência, como Paramore, Fall Out Boy e cantora Avril Lavigne, que hoje assumiram a linha pop rock; enquanto outras, como Saves the Day, Jimmy Eat World e Yellowcard, fazem shows em pequenas casas ou em festivais - normalmente dirigidos aos fãs saudosos -, e, apesar da pouca visibilidade, continuam a lançar novos materiais.

Novas bandas continuam fazendo música pop punk e distribuem seu trabalho pela internet, que, levando em conta a fragmentação do gênero, passou a ser a ferramenta mais relevante para sua divulgação. Destaca-se Joyce Manor, banda californiana da mesma gravadora independente de The Offspring, que balanceia o pop e o punk quase tão perfeitamente quanto Green Day em Kerplunk, além das mais-pop-do-que-punks Man Overboard e Neck Deep, que inspiram-se em Blink 182 para comporem canções chiclete e realizarem performances hiperativas capazes de levar o público à loucura em todas as apresentações. Mosh pits, stage diving, crowd surfing e covers infames ainda têm lugar nos shows e dão uma pequena dimensão do que foi o pop punk do início dos anos 2000 àqueles que eram apenas crianças na época. Aliás, "Defenda o pop punk" é o lema dessa nova geração, que busca dar continuidade ao legado das bandas antecessoras.

É curioso que o pop punk, que já nasceu no cenário mainstream, esteja de certa forma passando ao underground. Ele tem suas raízes num estilo musical que já ensaiava se transformar em produto de consumo pela indústria cultural nos anos 70 e, como o próprio nome deixa explícito, é um punk feito para atingir as massas e vender. Seu propósito não é ser tocado em garagens, e sim em estádios e arenas.

Para recuperar lugar no mainstream, o pop punk, que surgiu a partir de hibridizações e rupturas, está tendo que se reinventar - mais uma vez. É o que Silveira (2013) descreve como o loop do pop em torno de si mesmo, numa espiral histórica: resistência, cooptação, nova resistência, nova cooptação e assim sucessivamente.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural**. São Paulo: Ática, 1986.

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

BIVAR, Antonio. **O Que É Punk**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

CRANE, Matt. **The 5 great eras of pop-punk, from the '70s to today.** Disponível em:
<http://www.altpress.com/features/entry/the_5_great_eras_of_pop_punk_from_the_70s_to_today>
Acesso em 7 de junho de 2015.

GARLAND, Emma. **Is There Really A Difference Between Pop Punk Bands And Boybands?**
Disponível em:
<http://noisey.vice.com/en_uk/blog/is-there-really-a-difference-between-pop-punk-bands-and-boybands> Acesso em 7 de junho de 2015.

GREENE, Lora. **Combat Rock - A History Of Punk (From Its Origins To The Present).** Los Gatos: Smashwords, 2012.

ORTIZ, Renato. **A Escola de Frankfurt e a questão da cultura.** In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. No. 1, V. 1. Junho de 1986.

PAYNE, Chris. **Blink-182's 'Enema of the State' at 15: Classic Track-by-Track Album Review.**
Disponível em:
<<http://www.billboard.com/articles/review/6106269/blink-182-enema-of-the-state-15-anniversary-classic-track-by-track-album-review>> Acesso em 7 de junho de 2015.

PAYNE, Chris. **Green Day's 'American Idiot' Turns 10: Classic Track-by-Track Album Review.**
Disponível em:
<<http://www.billboard.com/articles/news/6258971/green-days-american-idiot-turns-10-classic-track-by-track-album-review>> Acesso em 7 de junho de 2015.

SILVEIRA, Fabrício. **Rupturas Instáveis - Entrar E Sair Da Música Pop.** Porto Alegre: Editora Libretos, 2013.